

24-11-1928

A Vida Moderna

OS FUNERAES DO DR. ARNALDO VIEIRA DE CARVARHO



O Imponen e cortejo funebre do illustre extinto ao passar pela praça da Republica, em caminho do Cemiterio da Consolacao

CMP 2.1.6.12

Theatro Municipal

O thesouro da feiticeira

No nosso theatro maximo foi levada á scena, no dia 17 do corrente, por um grupo de amadores a interessante opereta «O thesouro da feiticeira» original do distincto escriptor prof. Gomes Cardim e musica do inspirado maestro Antonio Candido, revertendo o producto do espectáculo em beneficio do Hospital das Creanças da Cruz Vermelha Brasileira.

O libreto gira em torno da «Historia da Carochinha» e foi muito bem cuidado pelo seu auctor que soube concatenar com habilidade todas as scenas, algumas dellas de bastante intensidade dramatica e outras comicas como requer o assumpto.

Embora não nos tenha sido dado o ensejo de vêr a partitura da musica composta pelo maestro Antonio Candido para o libreto d' «O Theouro da Feiticeira», de Gomes Cardim, e uma audição unica seja demasiado restricta para uma apreciação justa, a impressão que nos causou a sua audição no Theatro Municipal a 17 do corrente foi de completo agrado, demonstrando o maestro Antonio Candido um conhecimento perfeito de instrumentação pela forma com que soube aproveitar a orchestra e uma inspiração apreciavel, excedendo, mesmo muito, a margem que a obra litteraria lhe poderia dar.

Pena é que o maestro Antonio Candido, pela sua excessiva modestia, não nos dê frepquentemente outras obras do seu talento musical.

O papel de protagonista foi confiado á sra. Virginia Romano, discipula do maestro G. D'Arce, que delle tirou todo o partido, cantando impecavelmente toda a sua parte e jogando com intensa emoção a scena do 1.º acto quando sabe que os filhos se perderam e vae em busca dos mesmos e a sua entrada no 3.º acto de grande effeito dramatico. A sra. Virginia Romano na interpretação desse personagem demonstrou possuir um bello temperamento artistico e uma bem timbrada voz de soprano lyrico. O seu trabalho mereceu farta messe de applausos do auditorio. O papel de «feiticeira» encontrou na senhorita Herminia Russo uma interprete talentosa e de grande probidade artistica.

Cantou e representou como uma verdadeira artista, apresentando uma caracterisação sobria e propria á parte que lhe foi destinada na peça.



Os principaes personagens da opereta «O thesouro da Feiticeira» representada, ha días, no Municipal.

A' senhorita Maria de Lourdes Ribeiro e ao sr. Thomaz Mauger, couberam, respectivamente, os papeis de Filisbina e Theodoro, aos quaes deram brilhante desempenho, emprestando-lhes muita comicidade na parte scenica e muito gosto nos numeros de canto.

João e Maria, os dois pequenos personagens da opereta, tiveram nos meninos Felisbina e José Ribeiro dois interpretes intelligentes. Deram grande relevo aos respectivos papeis, evidenciando excellentes qualidades para o theatro que devem ser aproveitadas pelos seus progenitores, em beneficio da arte nacional.

O trabalho de Felisbina e José Ribeiro produziu magnifica impressão ao publico, que não lhes regateou calorosos applausos.

Os bailados do 2.º acto, sob a direcção da senhorita Yvonne Daumerie, apresentaram um effeito surprehendente e foram executados com perfeição pelo grupo de senhoritas que delles se encarregou.

A sua marcação foi creada pela srta. Yvonne S. Daumerie, que se revelou profunda conhecedora de todos segredos da arte choreographica, da qual é eximia cultora. As vibrantes palmas que foram prodigalizadas ao disciplinado corpo de baile, juntamos as nossas.

A «Fada» teve conscienciosa interpretação por parte da sra. Georgina Hubenet, possuidora de uma

bõa voz de soprano.

O sr. Armando de Queiroz Mondego, no desempenho do papel de Paulo, cumpriu o seu dever.

A orchestra e os coros portaram-se galhardamente sob a energica e competente direcção do auctor.

Foi, em summa, uma magnifica festa de arte, que deixou a melhor impressão no espirito de quantos a assistiram.

ESPERANDO a volta do Lacerda, que fôra saber noticias da sogra de ambos, o Oscar passeiava, afflicto pelo vasto salão de sua casa. O seu amigo Asterio fumava, pensativo, a um canto.

Soam passos graves no corredor. Estremece Oscar, Lacerda entra.

— Então? perguntava aquelle.

— Morreu! solennemente respondeu o outro.

Oscar tomba no divan sacudido de soluços.

— Consola-te! A morte é o fim natural da vida, murmura Asterio.

— A megera não morreu! A vi-bora melhora, está bõa, brada atropeladamente Oscar.

— Como?

— E' que (jura Oscar) Lacerda diz sempre o contrario da verdade.